

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O MUNDO SECRETO DE SERGUEI PARADJANOV
15 e 19 de Março de 2025

TSVET GRANATA – SAYAT-NOVA / 1969

(*"A Cor da Romã – Sayat-Nova"*)

Um filme de SERGUEI PARADJANOV

Realização: Serguei Paradjanov / **Argumento:** Serguei Paradjanov, segundo poemas de Sayat Nova / **Fotografia:** Suren Chakhbazian / **Montagem:** Serguei Paradjanov (Cópia remontada por Serguei Iutkevitch) / **Direção Artística:** Stepan Andranikian / **Música:** Tigran Mansurian / **Coreografia pantomina:** Serguei Paradjanov / **Figurinos:** Ielena Akhvlediani, Iossif Karalian / **Som:** Iuri Saiadian / **Conselheiro de arquitectura:** Viktor Djorbenadze / **Intérpretes:** Sofiko Tchiaureli (O Poeta/A Musa do Poeta/A Freira/O Anjo da Ressurreição/O Mimo), Melkon Alekian (O Poeta em criança), Vilen Galstian (O Poeta como monge), Guiorgui Gueguetchkori (O Poeta em velho), Onik Minassian (O Príncipe), Spartak Bagachvili (o pai do Poeta), Medea Djaparidze (a mãe do Poeta), Grigori Margarian (o professor), Aleksandr Djanchiev (O Monge), G. Matzukatov, Medea Bibileichvili, J. Gharibian, T. Dvali, E. Panakhtchian, Iuri Merdenov, Iuri Amirian.

Produção: Armenfilm, em associação com os estúdios de Geórgia e Azerbaijão / **Cópia:** em DCP (suporte original em 35mm). Restaurada pelo The Film Foundation's World Cinema Project e Cineteca di Bologna/laboratório L'Immagine Ritrovata, em colaboração com Cinema Foundation of Armenia e Gosfilmofond. Colorida, falada em arménio, com legendas em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 79 minutos / Estreia em Moscovo em 1973 / Inédito comercialmente em Portugal / **Primeira exibição na Cinemateca:** a 8 de Setembro de 1992, integrado no Ciclo "Serge Daney: A Memória Inesquecível".

Toda a obra de Sergei Paradjanov ficou inédita comercialmente em Portugal. O rigor e austeridade das suas encenações não se coadunam com o critério de espectáculo para as massas pelo que é inevitável que os seus filmes continuem nessas condições. Todas as oportunidades são poucas, portanto, para se tomar contacto com uma obra em que "austeridade" não é sinónimo de "secura". **Tsvet Granata** ou **Sayat-Nova** é um deslumbrante testemunho disso, pois cada "quadro" (mais do que planos, "quadro" será o termo correcto para definir a rigorosa composição das imagens), constrói-se com uma sobrecarga de elementos informativos e simbólicos como a das pinturas medievais, ou as composições iconográficas da Rússia do tempo (e isto leva-nos para outro grande poeta da imagem: Andrei Tarkovski). "Fresco" seria o termo mais apropriado, se ele não se identificasse mais com uma forma "espectacular" e "grandiosa", quando a "pintura" de Paradjanov é de carácter mais íntimo e espiritual.

Aliás, se todos os filmes de Paradjanov mostram uma preocupação pela composição pictórica, isso tem muito a ver com a formação cultural do realizador. Nascido na

Geórgia, mas de uma família arménia (o seu nome correcto, de acordo com esta origem, é Sarkis Paradjanian), estudou primeiro pintura e canto, antes de ingressar na escola de cinema de Moscovo, a VGIK, onde foi aluno de Mikhail Romm, trabalhando depois durante 14 anos nos Estúdios Dovjenko, em Kiev. Não deixa de ser curioso sublinhar uma certa aproximação entre Dovjenko e Paradjanov, pois são eles os autores, como bem nota Tony Rayns no MFB, dos dois filmes mais "herméticos", na exposição do seu simbolismo, da história do cinema: o primeiro com **Zvenigora**, o segundo com **Tsvet Granata**. Mas o mesmo crítico aponta uma outra relação bem mais sugestiva: a que este filme (e **A Lenda da Fortaleza de Suram**, também) tem com outro grande perseguido pelo regime oficial: Eisenstein, em particular com as suas últimas experiências na segunda parte de **Ivan Grosny**, na composição dos quadros, numa coreografia que se organiza no interior de cada um deles, e nas primeiras experiências com a cor. Para Rayns, Paradjanov surge como o autêntico continuador de um cineasta que se dizia não ter deixado discípulos. Opinião que nos parece pertinente à visão de **Tsvet Granata**, e com mais razão de ser do que a comparação com Tarkovski (este, sim, mais próximo do simbolismo telúrico de Dovjenko).

Sabe-se o que aconteceu a Paradjanov, cuja vida foi como a dos personagens que "levou" para o cinema. **Tsvet Granata** foi um dos muitos filmes que a censura remeteria para os arquivos, e por lá teria ficado se não fossem as manifestações a favor do seu autor.

Mas o filme não seria criticado apenas pela sua forma "decadentista", pelo misticismo que desenvolve, mas por representar também uma manifestação de "diferença" nacionalista, exposição de uma cultura arménia surgindo em sintonia com as de outras Repúblicas vizinhas. Profundamente marcado por uma identidade nacional, utilizando para isso uma das figuras mais importantes da sua cultura clássica, não de forma "biográfica", mas simbólica desse mesmo desejo de afirmação, o filme entrava em choque com a ideologia dominante ao mesmo tempo que a sua "forma" recusava lapidadamente os cânones do "realismo socialista". O filme acabaria por ser estreado quatro anos depois da realização, de forma discreta, e após ser remontado por um realizador mais identificado com o poder central, Serguei Iutkevitch. Até hoje, a montagem original de Paradjanov nunca pode ser reconstituída, pelo que é a cópia "remontada" a que tem passado por todo o lado (e é essa que vamos ver). A remontagem implicou também a "desaparição" de vinte minutos do filme, hoje desconhecidos. Que **Tsvet Granata** tenha conseguido manter, após o "massacre" a dignidade e a grandeza que possui, é atributo do génio do seu autor, que se afirma por entre os destroços, como o de Orson Welles brilha, apesar de tudo o que sofreu, por entre **The Magnificent Ambersons**.

A escolha do grande poeta arménio por parte de Paradjanov, é para o seu autor também uma forma de falar de si e da sua situação, da opção pela arte e do confronto com o poder temporal, e do exílio que tem tanto de assumido como de imposto. **Sayat-Nova** é Paradjanov, como **Andrei Roublev** era Tarkovski. A primeira legenda do filme, um verso de Sayat Nova, "Eu sou aquele cuja alma está atormentada" é uma legenda que se aplica também à personalidade de Paradjanov, e a função da cultura (os livros do mosteiro) dos elementos simbólicos (as romãs cujo sumo desenha de "sangue" a sua Arménia, a que se junta a faca, os peixes, os vasos e finalmente os espinhos) desenharam tanto a alma nacional, a que a voz do poeta vem dar vida, como a "paixão" de Paradjanov, que será talvez o sentido último neste deslumbrante filme, que apenas espera a "abertura" do espectador para revelar prodígios e belezas incomparáveis.

Manuel Cintra Ferreira